

Grafite reverso: crítica e arte na invisibilidade do espaço urbano*

GRAFITI INVERTIDO: CRÍTICA Y ARTE EN LA INVISIBILIDAD DEL ESPACIO URBANO

REVERSE GRAFFITI: CRITICISM AND ART IN URBAN SPACE INVISIBILITY

Priscila Azzolini Trovo**

Agda Regina de Carvalho***

Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas
/ Volumen 11 - Número 2 / julio - diciembre de 2016
/ ISSN 1794-6670/ Bogotá, D.C., Colombia / pp. 75-86

Fecha de recepción: 30 de enero de 2016
Fecha de aceptación: 21 de abril de 2016
Disponible en línea: 31 de octubre de 2016
doi:10.11144/Javeriana.mavae11-2.grca

* Artigo de reflexão, resultado da pesquisa para desenvolvimento de dissertação de mestrado em Design.

** Investigadora del Máster en Design, línea de investigación Teoría, Historia y Crítica del Diseño, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil. Dirección electrónica de contacto: priscila.a.trovo@gmail.com

*** Artista Visual. Pós- Doutoranda em Artes - Instituto de Artes da UNESP (2015-2016). Doutora em Comunicação pelo Escola de Comunicações e Artes da USP. Docente e pesquisadora do Doutorado e Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Coordena o grupo de estudos Design, Moda e Corpo: Narrativas e Contaminações. Membro da ANPAP - Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, da ABCA. Associação Brasileira dos Críticos de Arte e do GIIP -Grupo de Pesquisa - GIIP: Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia do Instituto de Artes da Unesp. Dirección electrónica de contacto: agdarcarvalho@gmail.com



Resumen

La cultura local se refleja en el entorno produciendo experiencias de mayor o menor calidad. En este sentido, las intervenciones artísticas en el medio urbano motivan una serie de significados en la ciudad, pues la percepción de cada individuo modifica las circunstancias de visualización del entorno. Este artículo trata sobre el "grafiti invertido", intervención artística que consiste en realizar dibujos mediante la limpieza de superficies, suscitando con ello una lectura crítica de la contaminación. En este sentido, se desarrollará un análisis exploratorio de la obra *Ossário*, del artista brasileño Alexandre Orion. Esta acción, realizada en túneles, en la ciudad de São Paulo, puso de manifiesto matices que evidenciaron un aspecto que antes pasaba desapercibido: la suciedad. De esta forma, el grafiti invertido de Alexandre Orion revela no solo la falta de limpieza en los espacios urbanos, sino la negligencia de la administración pública con dichos lugares.

Palabras claves: grafiti invertido; intervenciones artísticas; Alexandre Orion; Ossário

Abstract

The local culture is reflected in the environment producing experiences of varying quality. In this sense, artistic interventions in urban space motivate a number of meanings in the city, because the perception of each individual's circumstances changed viewing environment. This article discusses the "reverse graffiti", an artistic intervention which involves making drawings by cleaning surfaces, consequently attracting a critical reading of pollution. In this regard, an exploratory analysis of the work *Ossário*, that the Brazilian artist Alexandre Orion develop. This action, carried out in tunnels, in the city of São Paulo, showed nuances that highlighted an aspect that went unnoticed before: dirt. Thus, reverse graffiti of Alexandre Orion reveals not only the lack of cleanliness in urban areas, but the negligence of the authorities to these places.

Keywords: reverse graffiti; artistic interventions; Alexandre Orion; Ossário

Resumo

O ambiente reflete a cultura local, que produz experiências de maior ou menor qualidade. Nesse sentido, as intervenções artísticas no espaço urbano, geram uma série de significados na cidade, uma vez que a percepção de cada indivíduo modifica as circunstâncias de visualização do ambiente. Este artigo trata do *Grafite Reverso*, intervenção artística que consiste em gerar desenhos a partir da limpeza de superfícies, provocando uma leitura crítica frente a poluição. Para isso, será realizada uma análise exploratória da obra *Ossário*, do artista brasileiro Alexandre Orion. Esta ação, promovida em túneis, na cidade de São Paulo, revelou nuances que evidenciaram um aspecto que antes passava desapercibido: a sujeira. Assim, o grafite reverso de Alexandre Orion revela não só a falta de limpeza nos espaços urbanos, mas a negligência dos poderes públicos com estes lugares.

Palavras chave: grafite reverso; intervenções artísticas; Alexandre Orion; Ossário

MANIFESTAÇÕES SUBVERSIVAS NO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano é o resultado de uma construção contínua, cujo ponto de partida não são somente seus projetos arquitetônicos, mas também as múltiplas intervenções e ações que ocorrem em seu contexto, por meio do uso e dos comportamentos que interferem e alteram as percepções, despertadas na vivência deste ambiente.

O projeto de uma cidade não consegue dimensionar, somente em sua concepção, como será o uso efetivo do espaço. Segundo Argan (2005), a forma da cidade real jamais corresponde às formas fiéis às dos modelos ideais. Contudo, “sempre existe uma cidade ideal dentro ou sob a cidade real, distinta desta como o mundo do pensamento o é do mundo dos fatos” (Argan, 2005, p. 73). Dessa forma, ações e intervenções, escapam do espaço real, ou seja, do espaço planejado que, na maioria das vezes, é bastante distinto do espaço ideal.

Esta reflexão trata das intervenções artísticas, especificamente do chamado Grafite Reverso. Sua lógica é a mesma do grafite comum, porém os artistas encontraram uma forma de apontar problemas urbanos, levantando um questionamento sobre a cidade, a partir de seus resíduos. A visibilidade dos lugares, que atraem a ação do grafite, funciona também a partir de experiências que as pessoas podem adquirir nestes espaços, despertando atitudes e comportamentos. Há, portanto, a pretensão de provocar nas pessoas novas sensações e olhares, transformando a cidade em um centro de significados e palco de símbolos, como recursos para uma apreciação cultural e uma postura crítica.

Dessa forma, a cidade ideal é nada mais que uma alusão relacionada aos problemas da cidade real, em que no decorrer de sua existência, modificou, alterou e deformou suas características, tanto construtivas quanto destrutivas. Sua aparência, reflete a:

[...] sobreposição de inúmeras camadas de material, acúmulo de coisas que se recusam a partir. Tudo é textura: o *skyline* confunde-se com a calçada; olhar para cima equivale a voltar-se para o chão. A paisagem é um muro [...] (Peixoto, 2004, p. 13).

A cidade real reflete as dificuldades do fazer e as condições paradoxais do espaço que se constrói. Para Peixoto (2004), a utopia da concepção de uma cidade moderna foi abandonada, à medida que já não é mais possível projetá-la.

O espaço urbano é, portanto, um modelo de desenvolvimento contínuo, sem lógicas postuladas e que segue um ritmo evolutivo próprio.

A cidade ideal, mais do que um modelo propriamente dito, é um módulo para o qual sempre é possível encontrar múltiplos ou submúltiplos que modifiquem a sua medida, mas não a sua substância (Argan, 2005, p. 74).

O ambiente reflete a cultura local, que por sua vez, possui características simbólicas, produzindo experiências de maior ou menor qualidade. A construção do espaço pode aperfeiçoar as sensações e percepções dos indivíduos e, dessa forma, muitos locais podem ser altamente significantes para algumas pessoas, enquanto para outras pode não possuir a mesma dimensão. Um túnel para passagem de veículos, por exemplo, pode ser somente a conexão viária de um local para outro, porém, para o artista visual Alexandre Orion, cujo trabalho fundamenta esta discussão, este espaço tornou-se o local perfeito para uma de suas intervenções. Orion, por meio do Grafite Reverso, transformou em crânios a fuligem preta impregnada nas grades

de um túnel em São Paulo. Sua obra, intitulada *Ossário*, provocou a ação da prefeitura da cidade, que limpou as grades antes mesmo que o artista pudesse finalizar sua intervenção.

A manifestação gráfica do grafite faz surgir um novo observador, que é instituído pela convergência dos espaços urbanos com a produção imagética. O que se pretende, é que, a partir dessa intervenção artística, origine-se uma nova postura, que não seja somente a contemplativa, mas uma atitude reflexiva sobre a imagem, a partir do entendimento de sua proposta. Nesse sentido, as intervenções do Grafite Reverso, buscam questionar a situação do espaço urbano, provocando um olhar mais atento ao que parecia invisível no espaço: a poluição. “O espaço deixa de ser neutro, para ser tomado como lugar: situado, delimitado, povoado por experiências” (Peixoto, 2004, p. 189).

Há, portanto, uma ação de informar e representar a alteração do contexto da cidade, uma vez que a percepção dos indivíduos, a partir de uma prática artística, modifica as circunstâncias de visualização do espaço. Na cidade, conforme observa Ferrara,

a cultura é construída e o modo de ser dessa construção constitui elemento de mediação e de comunicação da sua identidade urbana: porém, ambas se distinguem pela maneira como se concretizam e pela possibilidade de sua decodificação (2002, p. 138).

O território urbano e suas representações culturais, produzem, portanto, um diálogo com os habitantes e, conseqüentemente, um novo discernimento de seu próprio comportamento no espaço. A prática artística, neste caso, as imagens gráficas por meio do grafite reverso de Alexandre Orion, promovem uma mudança de comportamento das pessoas, como os questionamentos sobre as condições ambientais e até sociais do local.

GRAFITE REVERSO COMO MOVIMENTO CRÍTICO DO ESPAÇO URBANO

O espaço da cidade comporta a presença de alguns elementos que não são detectados à primeira vista. Este ambiente, de acordo com Peixoto (2004, p. 404), é “basicamente um espaço demarcado, compartimentalizado por uma grade das vias de transporte e das funções”.

A poluição da cidade é um exemplo desses elementos que não se podem ver, mas estão presentes em quase todo espaço urbano. Segundo dados da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo (CETESB)¹, nas áreas metropolitanas o problema da poluição do ar tem-se constituído numa das mais graves ameaças à qualidade de vida de seus habitantes. As emissões causadas por veículos carregam diversas substâncias tóxicas que, em contato com o sistema respiratório, podem produzir vários efeitos negativos sobre a saúde.

De acordo com dados publicados no site da CETESB, a fuligem, partículas sólidas e líquidas, devido ao seu pequeno tamanho, mantém-se suspensa na atmosfera e pode penetrar nas defesas do organismo, atingir os alvéolos pulmonares, ocasionando, mal-estar, irritação nos olhos e garganta, dores de cabeça e até câncer de pulmão.

Nesse sentido, para diminuir e até evitar o contato excessivo das pessoas com a poluição produzida por veículos automotores, as políticas urbanas deveriam, além de promover a limpeza sanitária da cidade, reduzir a impregnação da fuligem dos carros nas superfícies e no ar da cidade.

Limpar a superfície suja de um espaço urbano soa como um ato obrigatório, que deveria ser promovido pelas políticas públicas de cada cidade. No entanto, a sujeira impregnada, en-

volvendo a extensão metropolitana de poluição, e aparentemente inofensiva, é negligenciada na maioria das metrópoles, por parecer quase invisível.

O Grafite Reverso, por meio de uma intervenção artística, evidencia, nas superfícies recobertas pela fuligem, a quase imperceptível poluição que envolve o espaço urbano. A sujeira fica visível, a medida que desenhos são concebidos, por meio da limpeza seletiva de alguns trechos, formando assim a estampa que se quer evidenciar.

A ação de limpar superfícies da cidade surgiu no final da década de noventa, com o inglês Paul Curtis, apelidado de *Moose*, que criou diversas telas de pintura no espaço urbano, ao limpar muros, calçadas, viadutos e túneis, buscando inserir uma mensagem ambiental, por detrás de seus trabalhos. As superfícies, na maioria das vezes, não eram notadas até que a retirada da poluição que a própria cidade gerou, passou a ser sua ferramenta de trabalho.

O movimento dessas intervenções coloca em pauta dois questionamentos principais, não excludentes um do outro, que são as questões artísticas e críticas no espaço urbano. A visibilidade dos lugares é modificada com as experiências que as pessoas passam nos espaços. A cidade é um centro de significados, pois torna-se palco da produção de símbolos, que são recursos para uma apreciação, uma sensação de pertencimento quando se percebe o lugar de passagem.

Para muitos, a intervenção por meio do Grafite Reverso pode ser uma maneira de sujar o espaço com as imagens que aparecem com a limpeza parcial do lugar, ao invés de limpá-lo, já que vestígios de sujeira permanecem, apresentando desenhos que estimulam a reflexão, e podem confrontar àqueles que não consentem com essa produção. Para outros, é uma transgressão, que evidencia a qualidade desasseada do espaço urbano.

O Grafite Reverso é uma produção artística urbana, que contesta uma situação da cidade, com questionamentos sobre as relações dos indivíduos com o ambiente. A percepção das sutilezas, como a limpeza de determinado local, expõe sua ressignificação, pois comunica um aspecto que antes não seria notado: a sujeira impregnada não percebida, mas que, de certa forma é nociva.

[...] a proposta de arte na cidade decorre da necessidade de priorizar outras relações humanas com o mundo, outras formas de comunicação e de linguagem na urbanidade: desconstruir a percepção que se fez unicamente utilitarista e seletiva do espaço circundante e altamente condicionada às tarefas cotidianas, estreitando-se verticalmente para direções que não se comunicam e não comunicam além do necessário para uma ação imediata. Procura, assim, construir espaços outros, abertos ao desinteresse da função prática dos objetos e a contemplação e ressignificação do que está em nossa volta, de modo a configurar e constituir outros sujeitos urbanos, que supere o que lhes é dado para criar outras redes de significação, outros campos de ação, resistências diversas. (Furtado; Zanella, 2007, p. 316-317)

A partir dessas novas percepções, que a provocação artística do Grafite Reverso promove, é possível compreender essa prática como um movimento crítico, relacionada à contestação do ambiente em que os indivíduos vivem. A intervenção por meio da limpeza é um movimento que, ao contrário do grafite convencional, evidencia a poluição invisível que está impregnada nas superfícies da cidade.

Esse tipo de arte gera um impacto grande nas pessoas, não apenas por sua originalidade, mas principalmente porque se faz perceber uma sujeira enorme nas ruas, causando uma reflexão pessoal e coletiva sobre o quanto o espaço urbano está sujo, ainda que essa poluição não seja notada.

Entretanto não cabe à essa intervenção resolver os problemas encontrados, mas promover reflexões éticas e políticas, que, por sua vez, propicia novas apreensões e motiva um novo posicionamento das pessoas, ao participar do espaço da cidade.

A partir da crítica, abrem-se caminhos a novas possibilidades, principalmente ao reconhecimento das necessidades que o espaço urbano possui, ainda que esteja sob a camada densa da poluição impregnada, em que sua presença se torna o *status quo* da imagem da cidade. Ler e olhar as novas imagens que são imprimidas a partir desta prática, destaca a importância da arte na cidade, pois seus discursos visuais comunicam mais do que somente relações estéticas.

As caracterizações da cidade acontecem, desde as construções das edificações até as intervenções que são realizadas nas mesmas. Essas marcas, representam elementos de pertencimento da sociedade que o utiliza e, neste sentido, as intervenções artísticas desempenham uma prática que produz significados. O Grafite Reverso, estimula uma nova consciência, com o meio em que os cidadãos vivem, e impulsiona a percepção da invisibilidade de determinados aspectos do espaço urbano.

A prática do Grafite Reverso aponta para novas significações, relações e percepções com o espaço, uma vez que as pessoas se dão conta de que a exterioridade do espaço urbano pode revelar novas texturas e cores, somente com a limpeza. Busca-se retratar o cenário real da cidade, incentivando, dessa forma, uma reflexão sobre o conformismo que é causado pela comodidade de cada cidadão.

No Brasil, o pioneiro dessa produção artística foi Alexandre Orion, que criou seu projeto de Grafite Reverso pela primeira vez em 2006, na cidade de São Paulo. Sua obra, chamada *Ossário*, na passagem subterrânea entre as avenidas Europa e Cidade Jardim, foi apagada rapidamente pela prefeitura, que executou um papel que deveria ser rotineiro: o de limpar os túneis da cidade.

A EVIDÊNCIA POLUÍDA DOS MUROS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Os projetos artísticos que acontecem nas ruas posicionam-se de maneira única, desempenhando um papel importante na percepção da cidade. A intervenção artística no espaço urbano é um diálogo com a paisagem, que ocorre de forma provocativa, reflexiva, política e sagaz. Produz e responde à diversas estruturas, sociais, econômicas e visuais, em que está inserida, recriando o entorno e alterando a percepção do lugar.

São Paulo, talvez seja a cidade de maior cenário para ações artísticas no contexto urbano. Alexandre Orion, está entre os artistas que elegeram este local como a plataforma de suas criações, interessando-se em experimentar as interações do ambiente com as pessoas.

As histórias que o espaço urbano evidencia, por meio da arquitetura e do design, são de caráter econômico, político e sociocultural. É, portanto, uma narrativa de um universo complexo que permanece segundo as ações de seus cidadãos. O fluxo das ruas, o movimento das pessoas, o caminhar, contemplar e passar, fazem com que o enredo dessa história seja desenvolvido. No entanto, a velocidade que a metrópole provoca, inviabiliza, na maioria das vezes, o reconhecimento do espaço, em que, para Peixoto (2004, p. 397), os “espaços públicos, agora inacessíveis, perdem toda significação e uso”.

As intervenções de Orion buscam sempre transmitir uma mensagem, que é traduzida por meio dos locais selecionados pelo artista, dos materiais e das próprias imagens que são

produzidas. Suas ações proporcionam momentos em que há uma ruptura do fluxo, onde o movimento transforma-se em parada, de contemplação e/ou crítica.

Trabalhando com o Grafite Reverso, o artista cria a obra chamada *Ossário*. Sua proposta seria bastante simples, se seu propósito não fosse uma crítica profunda ao meio em que se vive e sequer dá-se conta, atrelada ao conformismo com a poluição. Essa intervenção tornou visível a poluição que é gerada na cidade, chamando a atenção para a sujeira que rodeia os indivíduos, mas que raramente é notada.

Trata-se de construir no construído, de criar lugar sem romper com a paisagem de que se partiu. Um espaço pleno de significado, um lugar carregado de símbolos da sociabilidade. (Peixoto, 2004, p. 336)

Sua intervenção foi, por meio da limpeza das grades de túneis, desenhar crânios no rastro da fuligem que é acumulada pelos diversos veículos. A primeira ação ocorreu em 2006, no túnel Max Feffer, que liga a avenida Europa à avenida Cidade Jardim, em São Paulo. Seus materiais de trabalho foram panos e a sujeira impregnada nas paredes. A intenção era a de intervir de maneira reflexiva no problema da poluição da cidade (imagem 1).

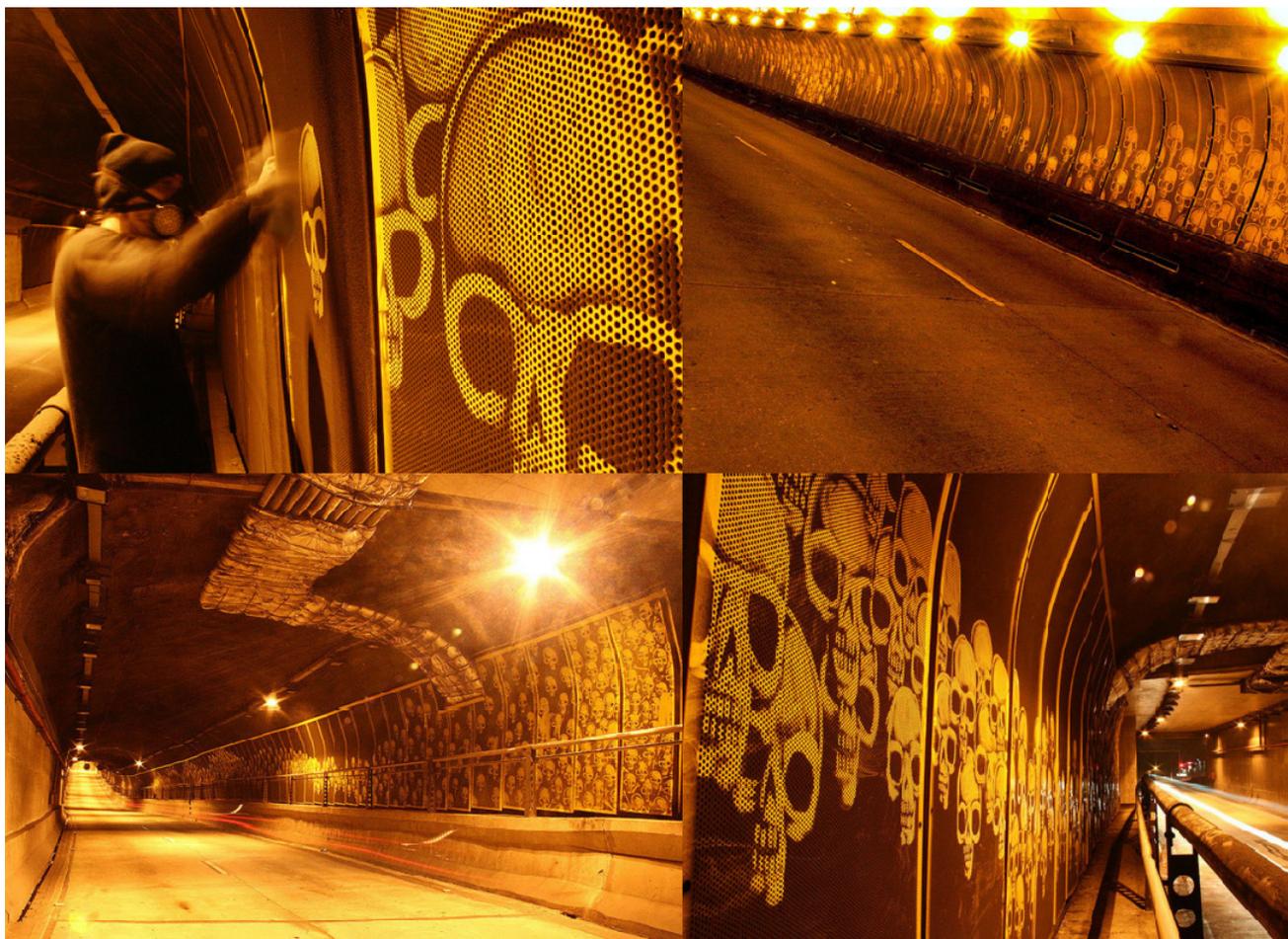


Imagem 1- Obra "Ossário" no túnel Max Feffer- São Paulo
Fonte: <http://www.alexandreorion.com/>
Autor: OSSARIO@ 2006 ALEXANDRE ORION

Em entrevista ao jornal Estadão, no ano de 2006, Orion fundamenta os motivos das representações serem crânios e seu trabalho chamar-se *Ossário*, explicando que o túnel é uma caverna, construída pelo homem. Propõe, então, torná-lo uma catacumba, uma vez que este espaço está repleto de restos.

A partir dessa reflexão, surge a ideia das caveiras, em que o artista pondera que pode ser estranho os homens criarem espaços onde não podem passar a pé, caminhando, o que ocasiona um espaço opressor, destinado somente aos carros, a passagens rápidas.

Para ele, a poluição dentro desse espaço representa a morte, uma decadência da sociedade. Alexandre ainda entende que, a ideia da construção urbana, quase sempre está conectada à destruição do meio ambiente, criando, portanto, uma falsa sensação de bem-estar.

Sua intervenção gerou uma atitude dos órgãos públicos, um tanto quanto inusitada. Ao limpar as grades do túnel, criando desenhos de crânios, Orion chamou a atenção da polícia, que por diversas vezes tentou interromper sua ação. Na época, vigorava o início da lei Cidade Limpa, em São Paulo. No entanto, não há crime por limpar a cidade, uma vez que Alexandre não fazia mais que desenhar, com a retirada da fuligem utilizando panos e sabão, sem acrescentar nenhum material na superfície.

Na primeira intervenção, suas imagens foram lavadas duas vezes pela prefeitura. O operador de câmera do sistema viário visualizou a execução do artista e acionou a polícia civil, que por sua vez acionou a polícia militar. Até que finalmente, a Limpeza Pública mobilizou funcionários, mangueiras e água, lavando o imenso painel, destruindo a obra de arte, provocada pela poluição (imagem 2).



Imagem 2- Intervenção da polícia interrompendo a ação de Orion
Fonte: <http://www.alexandreorion.com/>
Autor: OSSARIO@ 2006 ALEXANDRE ORION

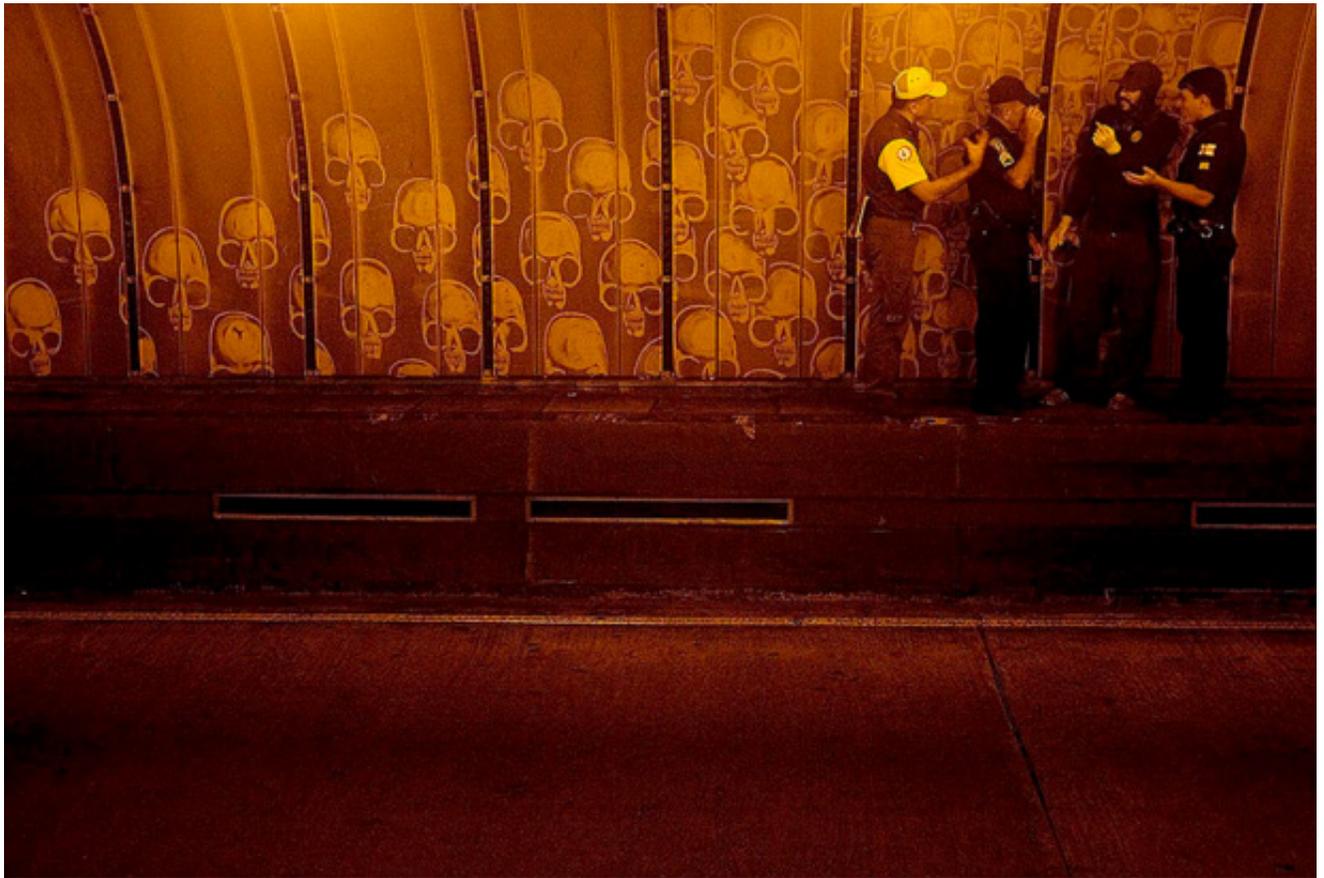


Imagem 3- Agentes da prefeitura limpando a intervenção no túnel
Fonte: <http://www.alexandreorion.com/>
Autor: OSSARIO@ 2006 ALEXANDRE ORION

Orion inicialmente desenhou em 160 metros, porém a prefeitura acionou a limpeza que lavou apenas os trechos desenhados. Então o artista desenhou mais 140 metros, o que levou à limpeza total do túnel. A prefeitura, até o momento, não havia feito a limpeza do túnel. A ação não durou 24 horas, pois a higienização foi realizada na mesma noite em que o artista iniciou sua atuação (imagem 3). Sua provocação, leva a realização de uma ação que já deveria ter acontecido no túnel. É neste instante que a ação é concluída.

É interessante como as narrativas de Alexandre Orion são significativas, criando imagens impactantes que reverberaram com o espaço público, seus indivíduos e, por sua vez, a gestão pública da cidade.

A intervenção artística *Ossário* ocorreu mais quatro vezes na cidade, sendo elas em 2008, no túnel Max Feffer, em 2009 e 2011 no túnel Ayrton Senna, intervindo em 180 metros da primeira vez e 400 metros da segunda e, em 2010 no túnel Fernando Vieira Mello, promovendo a ação em 200 metros. No total, foram mil e quinhentos metros de desenhos e, por sua vez, de limpeza das grades. Para Martins, Alexandre Orion viu o que ninguém reparava

As partículas dos poluentes, lançadas pelo escapamento dos carros que passavam pelo túnel, foram grudando furtivamente nos painéis que lhe recobriam as paredes, que se enegreceram. Ninguém mais notara as mudanças. Tem sido assim por aí fora. Com facilidade, a metrópole ganha uma cara permanente de mal lavada, de sujeira crônica, que aparentemente ninguém estranha. (Martins, 2009).

O trabalho artístico que Orion realizou, nos túneis de São Paulo, desperta para a invisibilidade da poluição urbana. A cidade é diariamente palco do conformismo de seus habitantes, que respiram silenciosos a fuligem de uma desordem, tornando-se cúmplices por sua omissão. O artista coloca que:

Não é o sujo do lixo, do monturo de gente desleixada, que qualquer um pode notar e que incomoda à primeira vista, que vai permanecendo mais do que o necessário, sobretudo nas ilhas de pobreza da cidade. Este, agora, é o sujo sutil das áreas ricas, que vai se depositando aos poucos nas superfícies, amansando nossa consciência e nossas distinções do que é sujo e do que é limpo (Martins, 2009).

A sujeira invisível, que se evidencia somente no momento da limpeza, é de ordem ambiental, social e política. (imagem 4)



Imagem 4- Obra "Ossário" no túnel Max Feffer- São Paulo
Fonte: <http://www.alexandreorion.com/>
Autor: OSSARIO@ 2006 ALEXANDRE ORION

Questionado sobre o propósito de sua arte e sua serventia, Orion responde que a intervenção serve "para tudo. Pode ter funções sociais, políticas, acadêmicas, econômicas. Serve [...] para custar muito caro, para fazer o município lavar o túnel" (Orion, 2010).

Na instalação de grafite reverso da obra *Ossário*, há uma claridade que se abre diante das camadas da poluição invasora, negligenciada, que passa despercebida todos os dias. Passa a ser parte da paisagem, incorporada às paredes e aos pulmões. O artista deu vida ao imenso

painel, transgredindo e revelando a contemporaneidade inacabada, da vida cinzenta que rodeia seus moradores.

O *Ossário* de Alexandre Orion [...] estava na consciência do artista e, por meio dela, está na consciência de todos nós, no nosso incômodo em face do que antes não nos incomodava porque não víamos e, por isso, não sabíamos. As caveiras de Orion erguem-se, de sua segunda morte, no interior da nossa consciência social para falar-nos de sua impaciência e dizer-nos que nos esperam. (Martins, 2009)

Conforme descreve Martins (2009), “arte é sujeira, proclamou a impiedosa e sinistra mangueira comandada pelas mãos ignorantes da prepotência. Poluição não o é.” Para ele, os painéis que Orion criou, restituíram-se de provisória claridade, revelando o significado de uma censura obscura, existente na ignorância e despreparo dos agentes públicos, que analfabetiza os indivíduos, em tempos de exaltação da incultura, da minimização da escolaridade e da prepotência no serviço público, em nome do progresso social que não existe. “São lacunas monumentais que guardam os vestígios de futuros abandonados, mapas de uma infinita desintegração” (Peixoto, 2004, p. 400).

Embora, posteriormente, todos os túneis tenham sido lavados, a súbita percepção da prefeitura, da necessidade de limpar, foi apenas um produto resultante do esforço para inibir o ato intervencionista do grafite de Orion.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na invisibilidade do cenário urbano, encontra-se a poluição, revestida de fuligem, que é o rejeito derivado de fontes diversas, acumulado pela omissão e um custo aceito pela sociedade urbana em troca da urgência, refletem nas superfícies da cidade, o desapercibido crime, que está impregnado em cada espaço.

A velocidade da vida contemporânea, a complexidade das estruturas e a quantidade de deslocamentos transformam ou retardam a percepção das pessoas. O olhar percorre as superfícies da cidade sem notá-las.

A poluição que não se vê, não só gera doenças como faz com que as pessoas vivam em ambientes como cúmplices do genocídio que se propaga, por sua omissão. A cidade está calada frente ao que não se pode notar à primeira vista.

O trabalho do Graffiti Reverso, apresentado por meio das ações de Alexandre Orion, evidenciam a crítica que se faz das políticas públicas. Uma intervenção que questiona não só a falta de limpeza, mas também a negligência dos órgãos públicos, à medida que não há preocupação da qualidade dos espaços e, a falta de higienização é adiada ou sequer cogitada.

Sua intervenção configura-se como metalinguagem, uma vez que discute a superfície do túnel como uma informação crítica à poluição. A obra *Ossário*, toma posturas bastante arriscadas. Uma delas é a produção artística no espaço urbano, por meio do grafite. Além disso, sua consciência de evidenciar o incômodo, que antes não incomodava, pois não era visto. A poesia visual desta ação, insurge da desumanização irresponsável que os espaços urbanos têm possuído.

Fica claro que, o objetivo desta ação destaca o abandono da sociedade e a negligência dos órgãos governamentais, às instalações públicas. No entanto, o sentido e a ironia desta divulgação está em observar o espanto daqueles que todos os dias percorrem o mesmo tra-

jeto, sem nunca terem olhado para o caos latente, e das autoridades em manifestarem seu incômodo, como se tivessem sido traídas pelo artista.

A falta do poder público gera, portanto, uma imagem de que o verdadeiro crime não é a poluição impregnada nas cidades, mas sim o intervir de maneira artística, sem permissões. O Grafite Reverso revela, portanto, que o crime está na mensagem que produz e não na tinta que colore as superfícies do espaço urbano, tampouco no desenho que aparece pela limpeza.

NOTAS

- 1 Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo (CETESB), ligada à Secretaria do Meio Ambiente, é responsável pela gestão ambiental de todo estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- Argan, Giulio Carlo. *História da Arte como história da cidade*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CETESB, Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental. *Emissão Veicular*. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Org.). São Paulo. <http://veicular.cetesb.sp.gov.br/#> (Acesso: 28 de janeiro de 2016).
- Estadão*, São Paulo, Brasil. "Alexandre Orion mostra vida cotidiana em livro." 08 de dezembro de 2006. <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,alexandre-orion-mostra-a-vida-cotidiana-em-livro,20061208p6289> (Acesso: 8 de dezembro de 2015).
- Ferrara, Lucrécia D'alessio. *Design em espaços*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.
- Furtado, Janaina Rocha y Zanella, Andréa Vieira. "Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos." *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, dez. 2007. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200007&lng=pt&nrm=isso (Acesso: 8 de dezembro de 2015).
- Martins, José de Souza. "A insurgência de Alexandre Orion. 2009." Texto escrito para a exposição *Ossário* de 2009 [online]. <http://alexandreorion.format.com/1814343-j-s-martins-espolio> (Acesso: 7 de dezembro de 2015).
- Orion, Alexandre. "Osso em pó," entrevistado por Diogo Rodrigues. *Revista Trip*, São Paulo: 11 de março de 2010. <http://revistatrip.uol.com.br/trip/osso-em-po> (Acesso: 28 de janeiro de 2015).
- Peixoto, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004.

Cómo citar este artículo:

Azzolini Trovo, Priscila y de Carvalho, Agda Regina. "Grafite reverso: crítica e arte na invisibilidade do espaço urbano" *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, 11(2), 75-86, 2016. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.mavae11-2.grca>